



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV CCAE/DCS – LITORAL NORTE, RIO TINTO

Audineide Belarmino Carneiro

Na Minha Quadrilha Só Tem Gente Que Brilha.

Lazer e Sociabilidade nas Quadrilhas Juninas de Lagoa de Dentro.

Rio Tinto

2018

Audineide Belarmino Carneiro

Na Minha Quadrilha Só Tem Gente Que Brilha.

Lazer e Sociabilidade nas Quadrilhas Juninas de Lagoa de Dentro.

Trabalho apresentado à Universidade Federal da Paraíba
como trabalho de conclusão de curso na graduação de
Antropologia Visual.

Orientadora: Dr^a Kelly Emanuely de Oliveira.

Audineide Belarmino Carneiro

Na Minha Quadrilha Só Tem Gente Que Brilha.

Lazer e Sociabilidade nas Quadrilhas Juninas de Lagoa de Dentro.

Trabalho apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito de conclusão de curso na graduação de Antropologia Visual.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Kelly Emanuely de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr^a Alessa Cristina Pereira de Sousa
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as formas de lazer e sociabilidade, dentro do contexto das quadrilhas juninas da cidade de Lagoa de Dentro PB. Baseado no contexto histórico das juninas que existiram e vendo as perspectivas do surgimento de novas juninas, sem esquecer a tradicionalidade dos festejos juninos. Esse trabalho foi dividido em quadrilhas matutas e estilizadas, o lazer e a sociabilidade em cidade do interior. Dentro dessa análise usamos a antropologia visual como recurso para pesquisa.

Palavras chaves: lazer, sociabilidade, quadrilhas juninas.

ABSTRACT

This work had as objective to analyze the forms of leisure and sociability, within the context of the Junin cultural groups of the city of Lagoa de Dentro PB. Based on the historical context of the Juninas that existed and seeing the prospects of the emergence of new juninas, not forgetting the traditional of the June celebrations. This work was divided into matte and stylized matude groups, leisure and sociability in the inner city. Within this analysis we use visual anthropology as a resource for research.

Key words: leisure, sociability, cultural groups.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida, aos meus pais Lucineide Belarmino e Adacy Neres, aos meus avós maternos Francisco Belarmino (in memoria) e Beatriz Justino pela educação e força para alcançar meus objetivos. Agradeço também a minha madrinha Maissa Oliveira por estar sempre ao meu lado. A todos os quadrilheiros que contribuíram com a construção dessa pesquisa, ao meu primo Carlos Eduardo pelo histórico das quadrilhas pesquisadas e ao meu amigo Tarcísio Junior pelo convite para fazer parte da fundação da Quadrilha Encanto Junino.

Quero agradecer aos meus amigos que estiveram sempre ao meu lado em todos os momentos, especialmente Océlio Francelino pelo encorajamento quando entrei no curso de antropologia, a Willame Dantas pelo apoio, a Gilvânia Oliveira pelos conselhos e ajuda em campo na minha pesquisa. Aos amigos que fiz no meio acadêmico que levarei para vida, em especial a Caio Nobre Lisboa, que tenho carinho e admiração pelo antropólogo que está se tornando, tenho orgulho de fazer parte da sua vida. Ao meu noivo Jessé Oliveira que foi muito importante nessa reta final, obrigada por todo amor e paciência.

Agradeço aos meus professores, os quais foram o alicerce para minha formação acadêmica, obrigada por serem apaixonados no que fazem, especialmente minha orientadora Kelly Oliveira, a qual agradeço pela paciência, compreensão e puxões de orelha, obrigada por aceitar o desafio de me orientar nessa pesquisa, suas orientações foram muito importantes para construção desse trabalho.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente na construção desse trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto1. Trio pé de serra “Os Barbosas”. Que acompanharam a quadrilha Encanto Junino, Ano de 2016. Foto Audineide Belarmino (2016)

Foto 2. Quadrilha Cafundó, anos 90. Imagem cedida do acervo pessoal de Romilda

Foto 3. Cafundó, anos 90. Imagem cedida do acervo pessoal de Romilda

Foto 4. Cafundó, anos 2000, acervo pessoal de Carlos Eduardo.

Foto 5. Cafundó , ano 2002. Acervo pessoal de Carlos Eduardo.

Foto 6. Quadrilha Arrocha o Nó ou Quadrilha dos Casais. Anos 90. Acervo pessoal de Carlos Eduardo

Foto7. Duas fotos de ensaio da Quadrilha Doce Junina. Foto: Audineide Belarmino (2015)

Foto 8. Quadrilha Doce Junina. Foto: Audineide Belarmino (2015)

Foto 9. Quadrilha Encanto Junino. Foto: Audineide Belarmino (2016)

Foto 10. Quadrilha Encanto Junino. Foto: Audineide Belarmino (2016)

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1. SOCIABILIDADE NO INTERIOR.....	10
1.1 AS QUADRILHAS COMO LAZER.....	11
2. AS QUADRILHAS JUNINAS	12
2.1 QUADRILHAS MATUTAS E QUADRILHAS ESTILIZADAS	14
2.2 REGULAMENTOS DOS FESTIVAIS	15
3. LAGOA DE DENTRO E O MOVIMENTO QUADRILHEIRO	19
3.1 CAFUNDÓ / ARROCHA O NÓ	21
3.2 DOCE JUNINA/ ENCANTO JUNINO	24
4. TEM QUADRILHA, TEM FESTA LÁ NO ARRAIÁ.....	30
4.1 ROTEIRO	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo identificar as relações sociais dentro do contexto das quadrilhas juninas. Meu interesse em pesquisar as quadrilhas se deu quando surgiu a oportunidade de fazer uma pesquisa na área de lazer e sociabilidade, até então não tinha visto as quadrilhas como formas de lazer e sociabilidade, apenas como formato de tradição cultural dentro dos festejos juninos.

A antropologia me proporcionou enxergar infinitas possibilidades de pesquisas e linhas de raciocínio para que pudesse entender e explicar o funcionamento do meu objeto de pesquisa. As dificuldades de entender uma sociedade onde o pesquisador está inserido e familiarizado é mais complicado do que para outro pesquisador que não esteja inserido onde tudo é novo. Essas complicações se dão porque tudo é natural, é familiar, sabe o porquê de cada coisa e seus significados. A antropologia te puxa para que possa enxergar esse natural e amplia os horizontes de pesquisar, pois os detalhes que fogem aos olhos familiar, a antropologia te faz enxergar nesses detalhes as possibilidades e enriquecimento de pesquisa.

Mas o que importa ao olhar do antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho de entretenimento, de religiosidade – e que só aparecem como exóticas estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. (MAGNANI .1996. P 03)

Para mim, que cresci vendo grandes quadrilhas da minha região dançar, ver o processo de transformação de figurinos, músicas e estrutura, a antropologia fez com que entendesse esses processos de transformações. Antropologia visual vem como ferramenta para poder entender o processo

de transformação, as imagens de arquivos pessoais de alguns entrevistados me proporcionaram o entendimento de cada época pela qual as quadrilhas passaram. Possivelmente sem esse acervo de imagens não teria tanto material para se trabalhado.

Quando trabalhamos com imagens na perspectiva do entrevistado, nota-se que as lembranças e histórias fluem mais rápido, e os detalhes de cada momento relatados são

enriquecedor, fazendo com que a pesquisa tenha material suficiente para elaboração do trabalho escrito, muitas vezes esse tipo de pesquisa seja melhor de se trabalhar, do que simplesmente agarra-se a teorias que não proporcionar o mesmo embasamento empírico. Não estou falando que as teorias não são necessárias, mas que nesse tipo de pesquisa que fiz, fazer o campo foi a melhor estratégia para se obter os resultados nessa pesquisa.

Descrever nem sempre te dá uma firmeza, quando a imagem vem se descrevendo por si, não se precisa de legenda, é isso que a antropologia visual faz. Muitas vezes conhecer aspectos culturais em formato de imagens é mais atraente. Em minha pesquisa o visual foi extremamente importante, trabalhar com acervos pessoais de alguns veteranos quadrilheiros, ouvir eles fazerem seus relatos no tempo em que eles participavam. Muitos argumentos construídos nesse trabalho foram de conversas pessoais, não foram de entrevista marcadas. Algumas vezes estava com imagens de alguns entrevistados e outras pessoas ao verem as imagens começavam a fazer relatos no tempo que elas participavam das quadrilhas, antropologia visual me proporcionou trabalhar em uma linha onde pudesse obter informações através das imagens.

1. SOCIABILIDADE NO INTERIOR

Em um conjunto de relações complexas, os indivíduos de uma maneira geral têm uma relação pré-estabelecida. Essas relações acontecem pela cordialidade existente na comunidade. Quando olhamos para cidades maiores, já não vemos essas relações, podemos relatar que quando os indivíduos têm uma relação pré-estabelecida a o lazer e sociabilidade estreita os laços como grupos sociais, nas cidades maiores o lazer e a sociabilidade não têm o mesmo formato, pois as opções dessas práticas principalmente do lazer são diferentes.

Na antropologia estudamos o comportamento da sociedade e como esse comportamento afeta as relações. Dentro do contexto da minha realidade de morar em uma cidade pequena, me vejo vivenciando em uma sociedade rica em cultura e história. Como em várias cidades do interior as formas de lazer e sociabilidade vão se modificando ao longo do tempo, talvez um processo de evolução, porém esses processos são modificados ou adequados a cada época.

No contexto das quadrilhas juninas, vi um complexo de ligações entre as pessoas, identifiquei uma espécie rotatividade a cada período do ano, tecnicamente o mesmo grupo de pessoas estão inseridas em alguma atividade cultural. Esses tipos de atividades fazem com que os indivíduos criem laços, geralmente por ser uma cidade pequena onde todos se conhecem, não significa dizer que tenham alguma ligação, porém quando começam a participar de grupos, seja ele da igreja ou de quadrilhas juninas as lições ficam mais pessoais. Essa rotatividade se dá em momentos específicos como a festa do padroeiro, o período junino, as fanfarras¹ e eventos culturais da região.

O período junino é mais longo do que se pensa, para algum esse período são apenas entre os meses de junho e julho, porém começa bem antes. As quadrilhas grandes começam seus ensaios, criações entre setembro e outubro nas quadrilhas menores começam um pouco mais tarde entre janeiro e fevereiro, isso acontece pela incerteza das juninas saírem ou não.

¹ Fanfarras são um recorte das tradicionais Bandas Marciais.

1.1 AS QUADRILHAS COMO LAZER

Em uma maneira geral as quadrilhas são vistas como expressão cultural nordestina, que não está errado, porém elas vão além disso. As quadrilhas além de manter a tradição, elas movimentam o comércio em geral, desde a parte de figurinos à material de construção para confecção dos cenários. Digamos que as quadrilhas sejam as escolas de samba no carnaval com seus enredos, figurinos e alegorias.

Dançar quadrilha não é vista como lazer, por terem uma visão de que é algo tradicional que vai haver todos os anos, seja ela dançada nos festivais competindo ou nas apresentações nas escolas. Como antropóloga vejo por outro ângulo, as quadrilhas são uma espécie de movimento cultural que promove o lazer, o que eu estou afirmando, que de um modo geral as quadrilhas são vertentes que promovem lazer e sociabilidade.

Na cidade de Lagoa de Dentro onde fiz minha pesquisa isso é extremamente claro como começou essas redes de ligações entre as quadrilhas da cidade. Geralmente temos um grupo de jovens que se encontravam para se divertir, no período junino a diversão é dançar quadrilha (nesse caso improvisada ou matuta), então dançar quadrilha é um lazer específico desse período junino. O que vai se estender é quando houve a transição entre a quadrilha matuta e entra a estilizada, o grupo se amplia e são formadas outras relações, agregando mais pessoas ao grupo, antes o que era um grupo fechado abre-se e cria uma rede de lazer e sociabilidade dentro da cidade.

Vejo o lazer e sociabilidade nas quadrilhas de lagoa de dentro como o “eu ser visto”, o que isso significa, que as pessoas ficam visíveis, o indivíduo é reconhecido como a pessoa que dança quadrilha. Muitas vezes o indivíduo é reconhecido no meu quadrilheiro pelo seu papel exercido dentro da junina, como reis, noivos e outros destaques, mas necessariamente o indivíduo não precisa ocupar esses papéis de destaque ‘para serem visto. Esse “eu ser visto” dá ao indivíduo um pertencimento, como se a quadrilha proporcionasse a ele uma legitimidade de pertencer.

2. AS QUADRILHAS JUNINAS

A tradição das quadrilhas juninas não se sabe ao certo quando começou. Alguns pesquisadores, como os antropólogos Hugo Menezes Neto (2008), Luciana Chianca (2006) e Thiago Silva de Castro (2012), que a dança é oriunda da Normandia, onde se tinha os festivais das colheitas e dançavam para celebra e agradecer a fartura de suas colheitas. Tempos depois essa dança passa ser chamada de “QUADRILLE” e toma conta dos palácios franceses e como tudo que se fazia na França era moda, não demorou para que se tornasse uma dança da nobreza em toda Europa. A quadrille era dançada em pares de homens e mulheres, formando um quadrado e tendo um marcador ditando os passos para serem executados (MENEZES 2008). Essa dança chega ao Brasil no início do século XIX com a chegada da família Real Portuguesa, se tornando a dança oficial dos bailes da corte portuguesa no Brasil. No entanto, só foi chamada de QUADRILHA depois do Segundo Império no Brasil (MENEZES, 2008 apud CASTRO, 2012).

Quadrilha, dança palaciana do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, preferida por toda a sociedade. Foi popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformada pelo povo, que sua longa execução de cinco pares, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial até os sertões. (CASCUDO, 2001, P.547)

Quando o Brasil deixa de ser império e torna-se uma República algumas coisas foram deixadas de lado, foi nesse período que a dança praticada nos palácios veio para o campo (Chianca, 2007), então a quadrilha começou a ser dançada em comemorações, principalmente em festas de casamentos. Geralmente essas festas aconteciam no mês de junho, pois é o período de fartura, principalmente na Região Nordeste.

Se o cenário era composto pelos palácios da aristocracia, agora a quadrilha passava a ser dançada na “roça” como parte das comemorações pelo período de colheitas, celebrando as conquistas do homem do campo nessa época (CASTRO,2012. p.7).

Aproveitando-se desse tempo farto essas festas se intensificavam também pelo calendário religioso, onde a igreja católica celebra os três Santos: Santo Antônio,

celebrado em 13 de junho(conhecido como o santo casamenteiro); São João Batista², primo de Jesus celebrado em 24 de junho e São Pedro, 29 de junho, discípulo de Jesus e dono chave dos portões do céu.

O que era dançado nos palácios, agora quadrilha vai ser dançada no terreiro, como são chamados os espaços ao redor das casas das zonas rurais nordestinas. Porém, esses terreiros ganham nome de Arraial ou Arraiá³ onde se monta as festas para dançar. Como nos palácios, no interior também havia um marcador para ditar os passos. Porém ao contrário dos nobres, que os passos eram ditados em francês, no interior as palavras francesas a exemplo de *avanttous* (todos à frente) e *enarriére* (todos para trás) virou *alavantu* e *anarriê*, e com o tempo outras características rurais foram adicionadas à dança.

Durante muito tempo no Brasil, portanto, vimos a quadrilha como uma dança para celebrar casamentos e a fartura no período de colheitas. No XX com o incentivo da urbanização e modernidade, ocasionou o processo migratório, e assim as quadrilhas voltam aos centros urbanos com as características matutas (MENEZES, 2008). Temos aí a figura representativa do matuto, figura essa que representa o trabalhador rural, estereotipado com roupas curtas e remendadas, seu chapéu de palha, falta de dentes, botas ou sandálias de couro. Esse tipo de representação influi também na forma de dançar, como um sujeito meio sem jeito, sem postura. Dentro desse contexto surgem as quadrilhas matutas. Como o nome já sugere, nessa composição de performance, segundo Menezes “[...] a quadrilha matuta é resultado de inevitáveis transformações da quadrilha que saiu da corte para zona rural e que volta aos centros urbanos” (2008, p. 14). As quadrilhas matutas, como Menezes escreve, não são uma cópia fiel da dança palaciana, pois os contextos são diferentes. Assim, a dança palaciana foi tirada de um contexto e foi ressignificada.

As quadrilhas matutas do meio urbano se apresentam como se dançava nos meios rurais. Porém há críticas pelo estereótipo mal feito do matuto. A princípio não é nada que incomode ou desmoralize a figura do matuto dentro do contexto que esse tipo de quadrilha oferece. A essência da dança continua a mesma, o que mudou foram algumas marcações,

²Algumas histórias ou mitos populares falam que São João não pode ver a festa que é celebrada para ele, pois pode querer vir participar e, se ele descer do céu o mundo se acaba. Por isso ele dorme nesse período. A tradição de soltar tantos fogos é uma maneira de tentar acordar o santo.

³Arraiá é a pronuncia caipira para arraial.

continuando os *anavantus* e *anarriês* e outros passos que foram acrescentados no interior como “olha a chuva, olha a cobra, dama cumprimenta cavalheiro”.

Durante muito tempo o formato de quadrilha que se conhecia era esse, matuta. Na década de 1980 surgiu um outro formato de quadrilha, a estilizada. Menezes, em sua pesquisa com quadrilhas da região metropolitana de Recife, apresenta essa ressignificação com característica de roupas luxuosas, coreografias elaboradas, temáticas e organização.

2.1 QUADRILHAS MATUTAS E QUADRILHAS ESTILIZADAS

Como já foi falado, as quadrilhas matutas é um recorte da quadrille, que foi interiorizada, absorvendo elementos do meio rural e voltando para o meio urbano repleto de simbologia. Nas quadrilhas estilizadas temos outro recorte, a quadrilha retirou a imagem do matuto e agregou outros elementos.

A diferença que temos entre a matuta e a estilizada estão na postura, coreografias, temática³, música, figurino. Na matuta não se exige elegância, ao contrário da estilizada, onde exige uma postura mais “elegante”. As coreografias da estilizadas são um conjunto onde se tem a temática e as músicas, onde a coreografia vai se encaixar para poder apresentar ao público. Na matuta não temos isso, pois não é de sua característica. Os figurinos da estilizada estão em constante transformação. A roupa tem elementos da temática à qual irá ser apresentada nos festivais; a matuta não tem a mesma preocupação com figurinos. Além disso as quadrilhas matutas não são vistas em festas, por não se encaixarem nos requisitos que os concursos pedem.

Os festivais são concursos onde as quadrilhas estilizadas competem. Neles são julgados itens como figurinos, músicas, tema, trio (músicos que acompanham a quadrilha), entrada e saída do arraiaá, destaques (casal de reis, noivos e cangaço), conjunto (todos os elementos da quadrilha). Esses festivais com todos esses elementos fazem com que a quadrilha matuta se restrinja a festas de escolas ou outras festas no período junino, onde fazem as quadrilhas improvisadas, às quais chamamos de matuta. Mas tanto

estilizadas quanto matuta são ressignificações da dança palaciana, ambas dentro de um contexto e épocas diferentes.



Foto1. Trio pé de serra “Os Barbosas”. Que acompanharam a quadrilha Encanto Junino Ano de 2016. Foto Audineide Belarmino (2016)

2.2 REGULAMENTOS DOS FESTIVAIS

Cada festival tem seu próprio regulamento, os quesitos que serão julgados vão de acordo com o regulamento estabelecido pela organização do evento. O regulamento abaixo é do festival de quadrilhas da cidade de Lagoa de Dentro, o mesmo é baseado no regulamento da ASQUAJUBPB (Associação de Quadrilhas Juninas do Brejo Paraibano). A seguir fazemos um recorte do regulamento para poder entender como funciona os critérios julgados e as pontuações. Ressalto que os regulamentos são revistos todos os anos, as regras são inovadas ou adaptadas a cada ano, isso acontece pelos conteúdos que são apresentados nos anos anteriores.

REGULAMENTO DO FESTIVAL DE QUADRILHAS DA CIDADE DE LAGOA DE DENTRO

CAPITULO VIII

DOS CRITÉRIOS DE JULGAMENTO

Art. 19º - Os jurados atribuirão notas numa escala de 07(sete) a 10 (dez) pontos admitidos notas fracionadas, ou seja: 7,0;7,3; 7,8; 8,2; 8,9; 9,1; 9,7 e etc.

ART. 20º - a Comissão Julgadora será secretariado por membros indicados pela coordenação do XXVI FESTIVAL DE QUADRILHAS JUNINAS DE LAGOA DE DENTRO – PB, que vão auxiliar a mesa e o processo de análise de pontuação e penalidades, sofridas pelos grupos juninos participantes do evento.

ART. 21º para efeito de julgamento dos participantes do XXVI FESTIVAL DE QUADRILHAS JUNINAS DE LAGOA DE DENTRO – PB, serão analisadas as planilhas com os seguintes itens abaixo relacionados:

PARAGRAFO ÚNICO - Cada jurado julgará “um” dos quesitos presentes neste regulamento.

ART. 22º - Os itens em julgamento serão assim especificados:

MARCADOR: Nesse item, observa-se a liderança, empolgação, desenvoltura, criatividade na execução dos movimentos e no desenvolvimento das coreografias. Deve-se observar bem a entrada e a saída desse personagem em cena, inclusive a utilização de sinais e da linguagem textual na execução da sua marcação.

PARAGRAFO ÚNICO – Vale lembrar que o MARCADOR estará sendo julgado para elegermos o melhor MARCADOR do Festival o mesmo precisa ter os itens citados acima.

FIGURINO: Este deve está adequado ao festejo junino, de acordo com o estilo, tema e criação da quadrilha junina, com originalidade e a criatividade dos materiais utilizados na confecção do mesmo. Também perceber e valorizar a harmonia das cores e ao conjunto destas, sempre atentando para a temática abordada pela quadrilha junina.

COREOGRAFIA: Dançam coletivamente os dançarinos da quadrilha junina, que deverá obedecer ao comando do marcador que indicará através de

gestos ou de palavras os passos a serem executados. Serão consideradas as diversificações das coreografias, graça e leveza das damas, elegância e desenvoltura dos cavalheiros. Atentar para que as inovações não descaracterizem a originalidade das festividades da quadrilha junina.

REPERTÓRIO MUSICAL: A música poderá ser gravada ou ao vivo até composição própria dos grupos. As músicas utilizadas deverão ser do ciclo junino. E serão levadas em consideração a diversidade dos ritmos e a seleção musical de acordo com a apresentação da coreografia e o desenvolvimento da proposta, temática da quadrilha junina.

PARAGRAFO ÚNICO – vale ressaltar a importância de ser julgado corretamente uma Junina que gasta para pagar o seu trio e uma que dança com CD. Lembro que isso é visto pelos senhores jurados.

CONJUNTO: Este item julga a apresentação como um todo, o tema deverá ser explícito e direto de forma que não fique nenhuma dúvida do que for apresentado pelo grupo participante. Tem que estar presente em todos os itens em julgamento, porém, deve ser muito mais visível ainda, nos seguintes itens: entrada e saída, figurino, Casamento e especialmente no repertório musical da quadrilha junina. Observará na exibição cênica se o tema anunciado, está sendo bem desenvolvido, verificando nos seus integrantes a expressão corporal e facial na condução do espetáculo de entrada como um todo. Bem como, se os adereços e cenários utilizados ressaltam o que está sendo proposto pela musicalidade, pela encenação teatral e especialmente pela temática.

CASAMENTO e NOIVOS: É o conjunto de ação de cada personagem, a história contada. O texto da história que for encenada deve ser claro e objetivo (CONTER INICIO MEIO E FIM). pela tradição já existente os textos devem ser engraçados, sem apelações, sem palavrões gratuitos e grosserias que chegam a chocar o público. Sua história deverá sintetizar a temática apresentada pela quadrilha junina.

PARAGRAFO ÚNICO – Vale lembrar que o CASAL DE NOIVOS estará sendo julgado para elegermos o melhor casal do Festival os mesmos precisam ter: desenvoltura; interpretação; animação; figurino e sincronia entre os mesmos.

REI E RAINHA: Esse casal precisa ter: Desenvoltura; interpretação; animação; figurino e sincronia entre os mesmos.

PARAGRAFO ÚNICO – Vale lembrar que o CASAL DE REIS estará sendo julgado para elegermos o melhor do Festival os mesmos precisam ter os itens citados acima.

ART. 23º Em caso de empate entre 02(duas)ou mais quadrilhas juninas, o critério de desempate no resultado geral será a quadrilha junina que obtiver sempre a maior nota no item nesta ordem: 1º conjunto, 2º coreografia, 3º marcador, 4º Casamento e Noivos, 5º figurino, 6º repertório musical, 7º rei e rainha.

ART. 24º Caso persista o empate, será realizado sorteio entre as quadrilhas envolvidas no empate. Caso isso ocorra a nota será automaticamente 10 (dez).

ART. 25º todas as quadrilhas juninas participantes deste festival são convidadas a esperar até o resultado final do festival que será após o final da apresentação da última quadrilha junina da noite.

ART. 26º A divulgação do resultado final será feita automaticamente após a apresentação da última quadrilha junina. Mencionando as notas em ordem de classificação do terceiro ao primeiro lugar.

3. LAGOA DE DENTRO E O MOVIMENTO QUADRILHEIRO

A cidade de Lagoa de Dentro, situada no agreste paraibano, a cerca de 100km da capital João Pessoa, como uma população de 7.370 habitantes segundo o IBG/2010, uma cidadezinha do interior como muitas outras do estado. Lagoa de Dentro historicamente era uma rota de comércio entre as cidades de Jacaraú e Guarabira (SILVA 2007). A cidade se destaca também pelo cultivo do abacaxi e outras atividades de agricultura de subsistência. SILVA destacou em sua pesquisa a agropecuária no município.

Segundo SILVA (2007), Lagoa de Dentro tem um povo hospitaleiro e de fé, na sua pesquisa ela destaca a religião católica e a devoção pelo santo padroeiro da cidade São Sebastião, o qual destaca com importância na história da cidade. A fé do povo dessa cidade vemos em ocasiões específicas divididos em três momentos: Janeiro, onde se comemora festa do padroeiro, São Sebastião; Maio, mês mariano⁴; Junho onde se celebra os três santos, Santo Antônio, São João Batista e São Pedro, e é nesse cenário que surge as primeiras quadrilhas da cidade, misturando fé e tradição. A igreja Católica se entrelaça com a história das quadrilhas do município.

Como em outras tantas cidades nordestinas, desde criança aprendemos a dançar quadrilha nas festinhas de São João das escolas, com comidas típicas, brincadeiras e músicas tradicionais e forró pé de serra. Geralmente as quadrilhas dançadas nessas festinhas são no estilo matuta, porém faz algum tempo que se misturou, essa mistura acontece quando encontramos os dois elementos (matuto e estilizado) dentro da mesma conjuntura, ambas dentro de um mesmo contexto, isso significa que uma não descaracteriza a outra. Encontrei esse elemento observando as quadrilhas das escolas as quais encontrei essa característica. Essa fusão se dá pela inexistência de competição, então os quadrilheiros não precisam se preocupar com os elementos característicos só de um estilo de dança, eles podem usar os dois.

Na atualidade as quadrilhas se referem umas às outras como juninas. A troca de nomenclatura se dá pelo fato da época de festas juninas, após experiências com outros nomes, chega-se a conclusão que o nome junino dá referência a época dos festejos

⁴ O mês mariano, que vai do dia 01 ao dia 31 de maio, se divide entre cidade e zona rural, ao contrário do padroeiro, onde a festa quase se restringe a cidade pois só há uma comunidade que tem São Sebastião como padroeiro. Ao contrário dos novenários para Maria que tanto a cidade como as comunidades rurais rezam simultaneamente.

juninos, abraçando assim o que querem transmitir. Até 2003 não havia competição regional, tinha-se festivais nas cidades circunvizinhas a Lagoa de Dentro. Nos dias atuais permanece esses festivais municipais, junto com a Etapa Brejo onde as quadrilhas da região associadas à ASQUAJUBPB (Associação de Quadrilhas Juninas do Brejo Paraibano) competem. As três primeiras colocadas são classificadas para a etapa Estadual, que vão competir com outras quadrilhas classificadas das outras regiões do estado.

Em 2004 surge a ASQUAJUBPB (Associação de Quadrilhas Juninas do Brejo Paraibano), com intuito de organizar as quadrilhas, para competir a nível Regional, Estadual, Nível Nordeste e Brasileiro, isso não aconteceu de uma vez só, foram construído por etapas, isso pode ser visto como uma engrenagem de incentivo para aprimoramento e constante evolução das juninas nos anos seguintes, ou seja, a junina se superar a cada ano, tendo em vista também possíveis patrocinadores, uma vez que quadrilha não é empresa e não tem fins lucrativos, mas tem uma importância econômica para alguns setores de produção de tecidos, adereços, costureiras, sapateiros, músicos e outros envolvidos.

Grande parte dos prêmios ganhos em festivais são para pagar o que foi produzido. Muitas quadrilhas têm dificuldades em competir justamente por falta de patrocínio. Sendo assim, fazem um sistema de arrecadação de dinheiro, promovendo bingos, rifas, festas, vendendo comidas, fazendo pedágio, dentre outras atividades para poder custear a junina. O maior patrocinador das quadrilhas em sua grande maioria são as prefeituras municipais.

Lagoa de Dentro hoje tem várias quadrilhas espalhadas pelo município, entre escolas, Centro de Convivências⁵ e a igreja católica. Porém, existe algumas que se destacam na história quadrilheira da cidade que são: CAFUNDÓ, ARROCHA O NÓ, DOCE JUNINA E ENCANTO JUNINO.

⁵ Os centros de convivência e fortalecimento de vínculo, são locais onde crianças e adolescentes desenvolvem trabalhos intelectuais, artísticas e esportivas, dentre outras atividades. Esses trabalhos são feitos de acordo com as necessidades da comunidade ou municípios.

3.1 CAFUNDÓ / ARROCHA O NÓ

Em lagoa de Dentro havia um lugar chamado Cocheira, localizado por trás do mercado público da cidade, onde os jovens se encontravam para dançar e socializar. Nesse local os jovens da cidade promoviam festas. Claro que no mês de junho tinha que ter quadrilha e foi assim que um grupo de amigos resolveram se organizar e montar uma quadrilha mais organizada para se apresentar. Esse grupo em particular tinha um vínculo com a igreja, pois promoviam eventos relacionados às festividades do calendário religiosos da cidade. Nesse cenário do final da década de 1980 esses jovens liderados por José Sales criaram a primeira quadrilha de Lagoa de Dentro, a Cafundó.



Foto 2. Quadrilha Cafundó, anos 90. Imagem cedida do acervo pessoal de Romilda.



Foto 3. Cafundó, anos 90. Imagem cedida do acervo pessoal de Romilda

A princípio a Cafundó, em seus primeiros anos, foi uma quadrilha matuta, seguindo o padrão dessa característica de dança. Depois de alguns anos começaram a se organizar melhor e com um estilo que estava crescendo, o movimento de quadrilhas estilizadas, uma tendência que estava se espalhando pelo Nordeste. A partir da transição da matuta para estilizada começaram a competir nos festivais de quadrilhas da região do Brejo paraibano. Como o passar dos anos não só a Cafundó, mas outras quadrilhas ganhavam destaques na região, como a Fazenda Nordestina (Guarabira), Asa Branca (Guarabira), Safonifest (Serra da Raiz) dentre outras, essas em destaque são as quadrilhas referencias de durabilidade no meio quadrilheiro da região do Brejo paraibano.

A Cafundó passou por algumas transformações de nome como Arraiá do Cafundó, Fazenda Cafundó e por último Junina Cafundó. Esses nomes devem-se às transformações da evolução da quadrilha.



Foto 4. Cafundó, anos 2000, acervo pessoal de Carlos Eduardo.



Foto 5. Cafundó, ano 2002. Acervo pessoal de Carlos Eduardo.

Em meados da década de 1990 houve um rompimento na Cafundó. A quadrilha se dividiu, surgindo a quadrilha Arrocha o Nó. A quadrilha Arrocha o Nó surge com uma particularidade, uma quadrilha composta por casais. Ao contrário da Cafundó, onde se tinha mais jovens, na dos casais, como era mais conhecida, tinha-se uma composição de várias idades. Não eram propriamente “jovens”. Essa particularidade se deu justamente por ser uma quadrilha de casais. Outra particularidade é que essa não passou pelo processo de transformação da matuta para estilizada essa já “nasceu” estilizada. Não sei ao certo quanto tempo essa quadrilha existiu e quando deixou de existir.



Foto 6. Quadrilha Arrocha o Nó ou Quadrilha dos Casais. Anos 90. Acervo pessoal de Carlos Eduardo

3.2 DOCE JUNINA/ ENCANTO JUNINO

A quadrilha Doce Junina é oriunda da renovação carismática católica da cidade de Lagoa de Dentro, organizada pela comunidade católica Doce Mãe de Deus, a qual exerce alguns trabalhos sociais e missionários na cidade. A comunidade Doce Mãe de Deus é um grupo católico que tem sua sede em João Pessoa – PB, tem a finalidade de

evangelizar, atualmente tem grupos missionários espalhados por todas Paraíba e alguns estados brasileiros.



Foto7. Duas fotos de ensaio da Quadrilha Doce Junina. Foto: Audineide Belarmino (2015)

Por volta de 2014 iniciou-se um projeto social cultural, voltado para os jovens e adolescentes da igreja católica e também para alguns que estavam as margens da sociedade no Município de Lagoa de Dentro – PB. Inicialmente foi mais uma forma de inteirar e resgatar essas pessoas para se ocuparem em algo, tudo começou com uma grande brincadeira. Ao passar do tempo fomos vendo que algo maior era pedido no ano seguinte, em 2015 chegamos a outros jovens e fizemos o nosso São João virá um sonho, já que as festas juninas são fortes no nosso meio cultural. **(Tarcísio Junior, Consagrado da Comunidade Doce Mãe de Deus e Presidente da Encanto Junino)**

A Doce Junina usava elementos católicos, como músicas, espiritualidade (momentos onde há orações, rezas, mística), dentre outras coisas características da renovação carismática católica para agregar à quadrilha. As apresentações aconteciam nos arraiais promovidos pela igreja católica, algumas vezes em outras arraiais promovidas pelas igrejas católicas das cidades vizinhas. A Doce Junina era uma quadrilha onde, através da pesquisa empírica, encontramos os dois elementos, matuto e estilizado.

Em seus primeiros anos havia uma mistura entre matuto e estilizado, como já falei mais acima há uma existência dos dois elementos dentro de uma mesma quadrilha, porém vemos mais características matutas, mas não podemos afirmar que se tratava de uma quadrilha matuta. Em seu segundo ano as mudanças eram visíveis, com mais elementos que caracterizavam uma quadrilha estilizada, mas também não podemos afirmar que era uma quadrilha estilizada. Nesses casos a não afirmação de rotulação de quadrilhas, se dá justamente pela presença dos dois contextos, podemos afirmar que uma quadrilha é totalmente estilizada, a partir do momento que essa junina passa a competir, pois tem que se adequar a todos os elementos que as competições exigem.



Foto 8. Quadrilha Doce Junina. Foto: Audineide Belarmino(2015)

No ano de 2016 já estávamos grandes em mostrar nosso trabalho que até então era mostrado na igreja. E partimos para as arraias em festivais de grande porte e visibilidade em vários Municípios. **(Tarcísio Junior, Presidente da Encanto Junino)**

Em 2016 a quadrilha Doce Junina se transforma em Encanto junino, com a essência da Doce Junina, porém com as características totalmente estilizadas. A proposta da Doce era resgatar os jovens que estavam em situação de vulnerabilidade social. A Encanto tem a mesma proposta, mas ela não é uma quadrilha vinculada a igreja, por mais que a maioria dos jovens que participam tenham atividades dentro da igreja católica, algo que não os impedem de dançar. A Encanto, diferentemente da Doce, é uma quadrilha de competição, então ela se enquadra nos elementos característicos das quadrilhas estilizadas.



Foto 9. Quadrilha Encanto Junino. Foto: Audineide Belarmino(2016)

O diferencial da Encanto Junino para as outras quadrilhas pesquisadas é que ela já começou grande. Por mais que ela seja oriunda de outra quadrilha, ela não manteve as características da antecessora. É uma quadrilha a nível competitivo, que por mais jovem que seja (pois tem quadrilhas na região que competem a mais de 10 anos), compete de igual para igual, embora sofra com a falta de patrocínio. A possível desvantagem é a questão dos patrocínios, comum a cidades pequenas com poucos pontos comerciais que prestem apoio, como citado acima.

Quando se faz a comparação entre as quatro quadrilhas pesquisadas, percebemos que cada uma tem suas características individuais. O processo de evolução dentro da linha quadrilheira passou pela Cafundó e continuou na Arrocho o Nó. A inovação de “adequar” a dança para evangelizar como fez a Doce Junina e a sua transformação para a Encanto Junino. Todas essas quadrilhas são um processo de modificação cultural.

Por vezes não podemos adequar uma quadrilha em uma moldura matuta ou estilizada. Podemos encontrar ambas dentro de uma mesma junina. Em uma apresentação podemos perceber em uma quadrilha estilizada passos de uma quadrilha matuta, mas

sendo ela uma estilizada o passo é coreografado e o marcador não vai ditar o passo. Por isso que atualmente é complicado encaixar uma quadrilha nos parâmetros só estilizado ou só matuto, embora ainda possamos perceber quais as características de cada uma.



Foto 10. Quadrilha Encanto Junino. Foto: Audineide Belarrmino(2016)

4. TEM QUADRILHA, TEM FESTA LÁ NO ARRAIÁ.

Na construção dessa pesquisa utilizei imagens cedidas por quadrilheiros veteranos, alguns amigos quadrilheiros e outras fiz em ensaios e apresentações. Em minha pesquisa o uso visual foi de extrema importância. Primeiramente as fotografias cedidas fizeram com que os entrevistados contassem as histórias através delas e voltassem a sentir as emoções vividas nos seus tempos de quadrilheiros, isso me ajudou na construção das entrevistas, muitas entrevistas não foram formais, foram algumas conversas, muitas delas em meu ambiente de trabalho, onde começava a falar da minha pesquisa e sempre tinha algum que falava de como era “no tempo que eu dançava quadrilha”. Até 2011, não tem muitos registros de vídeo e as fotografias são poucas. A partir de 2012/2013 com a evolução dos aparelhos eletrônicos, notei então que os registros visuais foram maiores, até mesmo em benefício coreograficamente, filmar os ensaios virou um abito corriqueiro. Essa função ou abito, faz com que o coreografo possa ver perfeitamente sua coreografia, alinhamento dos quadrilheiros, podendo aperfeiçoar sua coreografia.

Construí o vídeo com base nas entrevistas e relatos que obtive através da pesquisa que fiz dentro do contexto histórico da cidade. No vídeo utilizei uma entrevista formal, intercalando com imagens e vídeos de apresentações, e com depoimentos onde pedi para alguns quadrilheiros fizessem um relato da sua vida de quadrilheiro e a importância da quadrilha em suas vidas.

4.1 ROTEIRO

ENTREVISTA	ASSUNTO	TEMPO
ABERTURA	Imagens quadrilha encanto junino, apresentação em campina grande	1 minuto
CARLOS EDUARDO	<p>1. contexto histórico das quadrilhas juninas de Lagoa de Dentro.</p> <p>2. surgimento da quadrilha Arrocha o nó ou quadrilha dos casais.</p> <p>3. quadrilha das escolas.</p> <p>4. transformação das quadrilhas no contexto geral e na cidade de Lagoa de Dentro.</p>	<p>1. (vídeo 1) 00:37 a 4:27/ 5:51 a 6:47</p> <p>2. (vídeo 1) 10:21 a 13:00</p> <p>3. (vídeo 2) 3:40 a 9:05/ 10:43 a 11:59</p> <p>4. (vídeo 2) 17:28 a 18:04.</p>
TARCÍSIO JUNIOR	5. contexto do surgimento das quadrilhas Doce Junina e Encanto Junino.	5. (vídeo vt) 00:00 a 2:00
HAGNY SARA	7. A quadrilha em sua vida	7. (vídeo vh) 00:00 a 00:40
MAYCOM DOUGLAS	9. Ser quadrilheiro	9. (vídeo vm) 00:00 a 1:00
ANDRÉ MELO	10. o quadrilheiro e sua representatividade.	10. (vídeo VD) 00:00 a 1:02
ALCYMAR MONTEIRO	11. A representação das suas musicas no são João	11. (vídeo Alcymar) 00:00 a 00:39
	Créditos finais	

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho pretendi mostrar a existência do lazer e sociabilidade dentro do contexto das quadrilhas juninas na cidade de Lagoa de Dentro. Como os jovens se organizaram para montar a primeira quadrilha estilizada, como se deu o processo de transição entre as quadrilhas matutas e estilizadas. O surgimento dos festivais Regionais, Estaduais e Nacional.

No processo dessa pesquisa questionei várias vezes até onde vai a tradição e onde entra a modernidade e cheguei à conclusão que uma agrega a outra. A quadrilha sempre vai ser vista como expressão cultural, seja ela dançada como matuta ou cheia de coreografias marcadas e adereços como as quadrilhas estilizadas, ambas são recortes das danças palacianas trazida pela corte portuguesa.

Sendo eu uma quadrilheira desde de criança, foi uma pesquisa extremamente prazerosa. Ter a oportunidade de ver grandes quadrilhas, que até então só via em festivais transmitidos pela internet, vê-las pessoalmente, foi uma experiência incrível. Saber que faço parte da história da quadrilha Encanto Junino, não apenas como quadrilheira e pesquisadora, mas também como membro fundadora da junina.

Enfim, termino essa pesquisa com satisfação de toda a experiência proporcionada em campo, todas as transformações ocorridas dentro da cidade através dos festejos juninos, como os jovens sem limite máximo de idade continuam sendo quadrilheiros, nunca deixaram o sair o brilho no olhar, mesmo em momentos difíceis que a sua junina enfrenta. Ser quadrilheiro não é só dançar, ser quadrilheiro vai muito além de um sentimento, ser quadrilheiro é viver por um amor pela sua junina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11. Ed. São Paulo: Global 2001.

CASTRO, Thiago Silva de. A Quadrilha Junina em um Contexto de Profissionalização: um estudo sobre a cultura quadrilheira em Sobral/CE. Sobral: Ed. do Autor, 2012

CHIANCA, Luciana. Festa do interior, São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In MAGNANI, José Guilherme C; TORRES, Lilian de Lucca (org) Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP 1996.

MENEZES NETO, Hugo. Musica e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife. Revista Antropológicas, Ano 19, 2015

MENEZES NETO, Hugo. O Balancê no Arraial da Capital. Quadrilha: Quadrilha e Tradição no São João de Recife. z2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) apresentada ao programa de pós- graduação em antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Tecnologias Audiovisuais na Construção de Narrativas Etnográficas, um percurso de Investigação. In Artigos, UFRGS, 2003

FRANCE, Claudine de. Cinema e Antropologia. Tradução: Március Freire. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

SILVA, Ana Adalgisa Moreira da. Emancipação política de Lagoa de Dentro. Trabalho de conclusão do curso de História UEPB. Guarabira, 2007.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. Olhares que se Cruzam, Fronteiras que se Erguem. A Sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB. Ed. Autor, Recife, 2006

